

QUANDO A “GENTE DAS AREIAS” CONVERSA SOBRE O “GENTE DAS  
AREIAS”: CAMINHOS E PESCA. .<sup>1</sup>

Verônica Gomes de Aquino.

E.M.VER. J.S.B.RJ

Palavras-chave: pesca; conversas; etnografia.

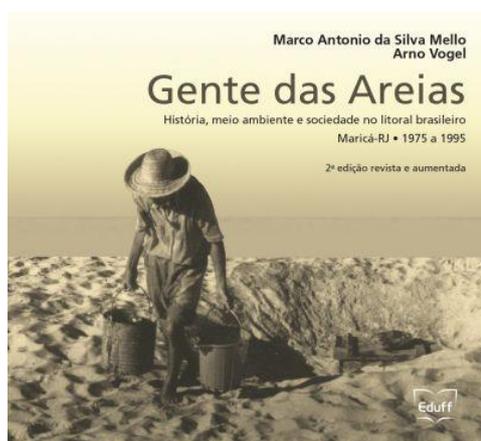
O presente artigo, tem por objetivo, inaugurar o desdobramento da pesquisa iniciada no ano de 2005, na Escola Municipal Vereador João da Silva Bezerra, Barra de Maricá-Cidade de Maricá, RJ, Brasil. Após esses anos, iniciamos em 2020, a segunda fase da pesquisa, ampliando o campo de investigação, junto à Escola Municipalizada Barra de Zacarias, pertencente antes, a localidade ou assentamento de Zacarias, vizinha da Barra de Maricá e palco de muitos conflitos territoriais vividos por pescadores e suas famílias. As duas Escolas centenárias, atualmente, pertencem a Rede Municipal de Maricá e apresentam em seus históricos, sinais de resistência de um povo pesqueiro que durante anos, almejavam seus direitos. Pescadores, suas mulheres, filhos e netos, lutaram por direitos, a moradia, educação, cultura e lazer. Desejavam a implementação de políticas públicas e de viverem com seus sonhos e ideais. Para que, seus objetivos fossem alcançados, pescadores e suas famílias, demonstraram em suas ações, “insatisfações,” em relação às leis e declarações de diferentes setores, como por exemplo, a economia, política e religião. Assim, aliados aos movimentos sociais, almejavam uma vida melhor para suas famílias, ou ainda, filhos e futuras gerações. Após, quatorze anos trabalhando, na Escola Vereador João da Silva Bezerra e morando no bairro da Barra de Maricá, direcionamos a pesquisa para, além, do campo de pesquisa em educação, iniciando assim, os estudos no campo da Antropologia Social.

Compreendendo ser necessário etnografar, a partir das escolas, as principais transformações ocorridas nos bairros, que modificaram os modos de viver da população e a sociologia das duas comunidades pesqueiras, consideramos ser relevante compreender as narrativas e descrições das práticas e saberes dos cotidianos dos diferentes sujeitos envolvidos.

---

<sup>1</sup> “Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.”;

Assim, acreditamos ser a “conversa”, entre grupos de estudantes e familiares, um elemento investigativo significativo, para registrar a escrita detalhada sobre as práticas pesqueiras que atravessam por décadas as vidas desses dois povoados. Conversando com “a gente das areias” e relendo trechos do livro “Gente das areias: história, meio ambiente e sociedade no litoral brasileiro, Maricá, RJ, 1975 a 1995”, notamos que dados relevantes, estão sendo tecidos na pesquisa. O livro, apresenta, o drama social, vivido por pescadores da localidade de Zacarias, onde, são tecidas cenas das vidas dos pescadores e familiares na Restinga de Maricá.



Deste modo, as histórias vividas por sujeitos da Zacarias e Barra de Maricá, aparecem nos diálogos e encontros. Momentos no trabalho de campo, que possibilitam revisitar e conhecer um pouco mais como os dois povoados reinventaram práticas sociais de suas vidas.

A proposta de trabalho foi elaborada antes da Pandemia que nos transformou e transforma nos últimos meses, sendo assim, é preciso reaprender os sentidos para sentir e elaborar os atuais caminhos na pesquisa.

#### OUTROS CAMINHOS: 2020 O ANO QUE NÃO ACABOU...

Caminhos e ruas desertas, cenário atual em Barra de Maricá, Zacarias e Guaratiba, bairros localizados na Cidade de Maricá-RJ. Neste silêncio humano, os sons da natureza se impõem e o mar bate forte, em seu estrondo, anuncia esperança e a reinvenção da vida.

Direcionando o olhar, da varanda, avistamos Escola Municipal Vereador João da Silva Bezerra fechada nos primeiros meses do ano de 2020 devido à pandemia, localizada na Barra de Maricá. Nesta escola, no ano de 2006, mapeamos a instituição e o seu entorno para o desenvolvimento das atividades educacionais.

Conhecemos os caminhos e algumas ações determinantes para a elaboração de uma nova pesquisa neste ano de 2020. Entendendo ser um ano peculiar para a humanidade, estaremos reaprendendo nossos modos de investigar. Assim, recordamos momentos vividos nos últimos anos e nos três primeiros meses de 2020.

Agora, indagamos para este estudo, além de quando a ficção atravessou as vidas pesqueiras e como a realidade da pandemia, que parece uma ficção científica, atravessa as vidas de todos nós que vivemos nestes bairros, escolas, cidade e país.

O caminho da ficção, ou ainda a gravação da novela, “Fogo sobre terra”, no ano de 1974, pela TV Globo, que atravessou as vidas pesqueiras, descrita pelos homens e mulheres deste bairro foram documentadas durante longas conversas e assim tecemos as experiências, imagens da novela e no ano de 2019 partes do livros gente das areias que apresentam a novela no contexto do drama social vivido por pescadores no ano de 1975, quando existiu a grande mortandade de peixes nas lagoas de Maricá e a queda nas atividades pesqueiras. Nas rodas de conversas na Escola João Bezerra, falamos a gravação da novela e nos momentos em que as redes de ficção se trançam nas redes pesqueiras das narrativas dos bairros.

A trama da novela Fogo sobre terra de Janete Clair, dirigida por Walter Avancini acontece no final dos anos 1950, em Mato Grosso, onde dois irmãos Pedro (Juca de Oliveira) e Diogo (Jardel Filho) foram separados na infância e se reencontram na condição de rivais ao decidirem o destino de uma cidade (Divineia<sup>2</sup>) e disputarem o amor de uma mulher.



---

<sup>2</sup> Nome da cidade fictícia incorporado até a atualidade por alguns moradores e políticos.

A trama conta ainda a luta de alguns moradores da cidade Divineia contra a construção de uma represa. A personagem Chica (Dina Sfat) representa um elemento de resistência à construção da represa e no último capítulo da novela, quando Divineia é inundada, Chica morre afogada em sua casa. O par romântico na figura de Bárbara (Regina Duarte) que vive seu amor com Pedro Azulão após vencer a cegueira.

As gravações aconteceram no município de Maricá, no Bairro Barra de Maricá e Zacarias, na fictícia cidade cenográfica Divineia, construída na colônia de pescadores da Barra de Maricá. Investigar conhecimentos que foram elaborados a partir da novela, nos permite buscar nas falas, imagens e textos, elementos para refletir junto aos moradores, alunos e profissionais da Escola, sobre as questões que, de alguma maneira, acabaram por influenciar a vida nos bairros.

Muitos moradores trabalharam como figurantes na novela, muitas crianças que assistiram à gravação das cenas e, sendo hoje adultos ou idosos, lembram sobretudo, do último capítulo da novela, quando as águas invadem a cidade fictícia Divineia.

Assim sendo, trabalhando com as histórias contadas por moradores que participaram como figurantes da novela “Fogo sobre terra”, nos foi possível ressaltar e apresentar algumas histórias, de como os habitantes locais, trançaram narrativas ricas em detalhes em suas narrativas.

As atitudes de alguns moradores ao falarem da novela, nos permitiu compreender conhecimentos tecidos pelos praticantes da Barra de Maricá/Divineia, que durante décadas, com elas, vão refazendo suas leituras de mundo (Freire, 1978). O que teria acontecido com as práticas socioculturais locais? Que práticas emergiram nas últimas três décadas, ou seja, após a obra televisiva, que modificaram alguns modos de viver dos moradores que possibilitasse à escola trabalhar outras ações junto aos filhos, netos e bisnetos dos pescadores?

No ano de 2019, após ser perguntada sobre o que o livro falava da novela, podemos conversar e saber após a leitura no livro da parte sobre a novela de algumas histórias das funcionárias Vanda, Rosemere e da moradora Conceição como deveriam se apresentar em uma das cenas quando as crianças brincavam. No livro podemos encontrar a seguinte leitura, que faz referência a transformação e crescimento populacional após a gravação da novela no ano de 1975;

Nessa mesma conjuntura, o turismo revelou-se como problema, não só para os pescadores. O prefeito, por exemplo, manifestou-se apreensivo com a ocupação da restinga. O número de pessoas construindo tinha aumentado muito desde 1975, ano em que Divineia – cenário da novela “Fogo sobre terra” tinha – celebrizado Maricá, pela televisão, para todo o Brasil. P.184

Assim, a leitura e a conversa, neste dia, ultrapassaram o horário de trabalho. Retornamos para casa alimentados por nossas conversas sobre a novela, a política da época, a revolução dos cravos e imigrantes portugueses, a realidade da falta de energia e os modos de ver televisão. Assistir à novela, quando a energia e a televisão ainda eram distantes da população também foi um grande desafio. Esse momento nos levou a participar de aulas de campo, entrevistas e produções de conhecimentos sobre os bairros em 1975.

Em um dos registros notamos a chegada da TV em Maricá:

O sucesso ocasionado pela primeira TV em Maricá é lembrado até hoje por moradores com mais idade. Consideramos as narrativas desses sujeitos um dos patrimônios de nossa cidade, memórias que devem permanecer em nossa história, sendo documentado neste artigo pela carta da Professora Eunice Coelho.

QUERIDA, LAÍSA -  
A DE CANA DO JIÃO BEJERRA, PROFESSORA EUNICE  
COELHO TE DESEJA SUCESSO! QUERO QUE SEJA  
A RESPEITO DA TELEVISÃO ANALÓGICA EM MAR  
CÁ, ERA UM FATO HILÁRIO! POIS NEM TODOS OS  
MURADURES A POSSUÍAM. NA VILA (CENTRO DE MAR  
CÁ) SÓ SEU ALVINHO BITTENCOVAT (BISAVÔ DO VER  
FABRÍCIO BITENCOVAT) POSSUÍAM, DR. FERREIRA  
RETOR DO PS. CENTRAL, DR. HEHAR, DA CASA MATTA  
DIRETOR DO HUP CANDE MADEIRA - NO FLAMENGO SR.  
ENEAS LOPES DA FONTEIRA (FILHO DE SEU ANTONIO LOPES  
DA FONTEIRA) TINHA UMA TV, ABRIA AS PÓRNAS  
PI OS VIZINHOS! JÁ QUE NÃO TINHAM. ISSO  
NO ANO DE 1965. Maricá, 16 de outubro de 2017  
Eunice Coelho

Nossos diálogos com os irmãos Stefania (86) e Acirésio (80), revelaram que para ver a televisão as crianças, tomavam banho, e no fim de tarde ficavam na janela da casa de um vizinho assistindo a novela. Os irmãos Alda (68) e Ito (70), filhos de Alcebiades falaram que para ligar a TV, o pai tinha que usar uma bateria de carro.

Nosso desafio para este grupo após a conversa, foi o de gravarmos alguns capítulos da novela em DVD, para serem exibidos na praça. A praça, escolhida para a realização dos encontros de festas, seria também local de fortalecimento e resgate das memórias

locais. Ouvimos então que seria quase impossível passar as cenas por conta de um incêndio nos arquivos da Rede Globo. A inspetora e moradora Rosimeri (Meri) falou ainda que soube que uma cópia da novela poderia ter sido feita para o México. Porém foram especulações. O temos hoje são pequenas partes encontradas na internet. Nesta pesquisa não desistimos de buscar algumas cenas da novela para passar na Escola e na praça para os moradores. Pois a própria inspetora, falou com certo pesar:

- Nós moradores da Barra não assistimos a novela na televisão neste tempo ninguém tinha tv. em casa, guardamos as imagens das gravações.

E assim, a inspetora inicia a narrativa de outras cenas. Deste modo, as ‘conversas’ que destacamos até aqui têm a ver com

memórias que são saberes de anos de presença, observação, estranhamento, encontros, conversas, cabelos brancos pintados pelo orvalho e vadiagens na sobra delas: mangueiras, Jaqueiras, salgueiros e tamarineiras. Outras árvores, neste tempo, são símbolos de retorno. Árvores sobre os quais várias gerações se encontram para tratar da memória, contando/cantando e vivendo suas histórias. (PEREIRA, 2009, p 179)

Desejamos assim, exercitar a *escuta sensível* proposta por Barbier, (2004) que nos faz conhecer na escola suas especificidades, ou seja, conhecer um lugar que é composta em seus vários contextos. A *escuta sensível* desses elementos vai para além do ouvir, e como Barbier (2004) nos conta que.

trata-se de um escutar/ver [...] apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para ‘compreender do interior’ as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos (ou a ‘existencialidade’ interna, na minha linguagem). A escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro. (p.94.)

Um escuta com todos os sentido, para dar continuidade a este trabalho e poder perguntar com os sentimentos e a ciência: onde estão os pescadores da cidade de Maricá desde o início da pandemia? Quais políticas públicas e programas sociais foram implementados pelos órgãos governamentais para assegurar os direitos básicos, junto à população pesqueira e como esses recursos estão sendo incorporados em pleno drama social vivido pelos cidadãos envolvidos com esta atividade?

Elaborando e refletindo as questões descritas e outras que materiais/imateriais e memórias, fortalecendo práticas de viver em sociedades tradicionais. Mesmo quando abatidos pela pandemia e ameaçados em nosso viver na realidade e ficção, queremos saber: onde estão os “pescadores de Maricá”?

Pensando nos caminhos da pesca, escola e outros existentes junto a este drama social vivido em 2020, estaremos elaborando novos caminhos e leituras do livros juntos aos pescadores. Caminhos de pesca, sonhos e esperança.

#### Referencia

MARTINS, Marcos Ribeiro. Condições atuais do espaço ocupado por empreendimentos imobiliários, nas áreas próximas à Lagoa de Maricá. Município de Maricá, Rio de Janeiro. UFF, Niterói, 1983.

MORIN, Edgar. (2002): *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

MELLO, Marco Antonio da Silva; Vogel, Arno: *Gente das Areias: História, meio ambiente e sociedade no litoral brasileiro*, Maricá; Rj.1975 a 1995. Niterói: EDUFF,2004.

PERES, Carmen Lúcia Vidal; TAVARES, Maria Tereza Goudard ; ARAUJO Mairce da S *Memórias e Patrimônios: Experiência em Formação de Professores*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

SOUSA, Dias. *Lógica do acontecimento - Deleuze e a filosofia*. Porto: Afrontamentos, 1995.